O Tenente Marques de Souza

A tradição sertanista é velha no Brasil. Tem raizes na historia e na dôr.

Desde o seculo XVI o sonho dos seus heroes é morrer por descobrir, a senha delles, descobrir para morrer

Aos nomes inscriptos no seu martyrologio acaba de ajuntar-se o do 2.º Tenente do Exercito Francisco Marques de Souza. Tal nome e tal memoria se incorporam á epopéa sertanista brasileira, pelo direito do sangue vertido, pelo sacrificio de uma vida em flor cujos bons fructos se presagiavam

O Coronel Rondon, apenas coronel num tempo de tantos generaes, reviveu a grande e vetusta tradição sertanista.

Tornou-a escopo de sua existencia, installando linhas telegraphicas pelo interior, traçando linhas de civilisação por terras invias. Procurou escravizar o indigena pela brandura, por ella libertal-o do estado selvatico. Condoeu-se dos nomades boscarejos, dos exilados de arco e flecha, no gremio da sociedade no Brasil. Ahi os encontraram os descobridores do seculo XVI, deputados de Portugal no congresso de navegantes do caminho das Indias.

Cercou-se o Coronel Rondon de auxiliares prestimosos, de officiaes cujo ideal fosse tão rutilo quanto suas espadas. Encontrou um desses auxiliares na pessoa de Francisco Marques de Souza Filho.

Nasceu no Ceará, do consorcio do Engenheiro

civil Dr. Francisco Marques de Souza e D. Anna Petronilla Menescal, aos 9 de Abril de 1884, na cidade de Camocim, o melhor ancoradouro do Estado, no amplexo do oceano e do rio Camocim. Em frente da cidade, o mar, o grande mar, o bello mar, o sinistro mar. A' esquerda, uma especie de Sahara, com escassissimas arvores verdenegras; á direita, ilhas de formosa vegetação no somno marulhoso do rio.

Iniciou estudos na Fortaleza, cursando o Collegio de Humanidades, dirigido por Antero Barbosa. Aos quinze annos, em Fevereiro de 1899, perdia o pai. Ninguem ignora, ou pecca por não avaliar, a falta do bom progenitor, quando ha filhos pequenos ou adolescentes. O lar trabalhará tristemente a meia força.

Marques de Souza seguio para o Rio de Janeiro, a capital importadora de tanta gente dos Estados. Vinha lutar pela vida, tendo sêde do pão ganho por esforço proprio. Só queria pesar no coração dos seus.

Completou estudos para se alistar no Exercito, assentando praça na Escola Tactica do Realengo em 1901. Della se transferio para a Escola de Guerra no Rio Grande do Sul. Demorou-se em Porto Alegre, cursando a Escola, numa «republica» de alumnos chamada «Petropolis».

Regressou ao Rio de Janeiro, em 1908, aspirante a official. Até ahi fez o que muitos fazem. Dahi por diante entrou a ser o que poucos são, bandeirante de espada á cinta e de coração á larga

Em Julho de 1909 ei-lo nas Linhas Telegraphicas e Estrategicas de Mato Grosso ao Amazonas. Dirigio-se a Mato Grosso. Embrenhou-se pelo sertão calçado e arborisado de modo diverso da Avenida Central.

Em serviço recebeu o galão de 2.º tenente de infantaria. Em serviço, por duas vezes, contrahio infecções palustres. A ultima tão gravemente o attin-

gio que foi mistér viajar para o Rio de Janeiro antes de ter tumulo em Mato Grosso.

Era em fins de 1913. O primeiro semestre do anno seguinte passou-o no Rio, muito doente, aos cuidados do Dr. Gaspar Vianna, joven sabio, cuja juventude e cujo saber o cemiterio já recolheu.

Enfermo, trabalhado pelo impaludismo adquirido em afan publico para damno particular, o Tenente Marques de Souza proseguio nos trabalhos, no escriptorio central da Commissão Rondon.

Executou os seguintes: Cópia da carta da corrente do Guaporé e Mamoré, de Villa Bella a Mato Grosso, conforme Pereira e Caceres, em 1774-1775; copia das cadernetas demarcatorias de Ipegue e Cachoeirinha, da caderneta demarcatoria de Rocio de Miranda; tabella das distancias, feitas a curvimetro, sobre o levantamento do rio Jacy-Paraná, compensação graphica destas e organização de nova tabella; trabalhos sobre o rio Roosevelt, devidos ao Tenente Lyra, redacção de mappas; annotação de varadouros e passagens no esboço de conjunto das explorações de 1910, e desenho de um schema do mappa do Brasil, mostrando os itinerarios das tres turmas, nas quaes se dividio a expedição Rondon

Findos esses labores e com elles o seu tratamento, o Tenente Marques de Souza, máo grado todas as supplicas do lar, se apresentou prompto para novos serviços. Deram-lhe nova commissão no Amazonas.

Despedio-se da familia, da extremosa mãi, creadora de sua alma, da noiva, creatura de sua alma Deixou as aguas da bahia, perdendo de vista a nossa cidade, num dos topos da qual se avista o mosteiro de São Bento, onde é professor um dos irmãos do Tenente Marques de Souza.

A' meia hora depois do meio dia o «Pará» transpunha a barra e o levava para sempre, a 16 de Julho de 1914. Chegou a Manáos nos primeiros dias de Agosto. Commetteram-lhe util e difficil missão.

Incumbiram-n'o de assignalar o curso do rio

Ananaz. A exploração preencheria grande lacuna das cartas geographicas do Brasil, por inteiramente desconhecido o curso daquelle rio, do qual a Commissão Rondon marcara apenas as cabeceiras.

O Tenente Marques de Souza deu principio ao que ia ser o seu fim.

Comprara um caderninho de papel quadriculado de azul e de capa preta. Nelle diariamente foi assentando as peripecias da viagem, notas a lapis, calligraphia nitida e certa de geometra.

Aquelle caderninho pertence hoje á sua familia. De ementario a reliquia. A saudade engrandece o que a morte apouca.

Começou a odysséa amazonica do Tenente Marques de Souza e de outros companheiros, sahidos de Manáos no *gaiola* «Madeira-Mamoré». Nessa embarcação fluvial o passadio foi pessimo.

Em Setembro de 1914, Marques de Souza dirigia-se para o rio Jacy, ao encontro do Coronel Rondon, aos balanços da iganté, cuja tripulação de nove homens a impellia por lugares assombrosamente piscosos. «Apezar de haver sempre muita abundancia de peixe, nunca vi tanta fartura como no «poço» debaixo da cachoeira de Monte Christo, onde o Arsenio, em quarenta minutos, trouxe quinze pescadas, de dous a tres palmos de comprimento!» Eis uma nota do caderninho do Tenente Marques de Souza. Mais adiante outra nota. Já se não trata do ferver de peixe no fogo do sol. A expedição está na ilha da Cachoeira.

«Que bellos e saudosos dias, esses dessa viagem. De vez em quando, devido ao rio estar secco, fomos obrigados a saltar e metter-nos na agua ou fazer percursos por cima das pedras, aos pulos. Que bons banhos! Passamos sempre o dia lendo e jogando o dominó. Lemos o «Monge de Cister». Cada um de nós lia um capitulo ou mais para os outros ouvirem».

Scena singular e imprevista, quadro unico e ori-

ginal: a tripulação a remar, quebrando a pá o silencio das aguas, e um grupo de moços a lêr, alto, no sô de um rio amazonico, a prosa de Alexandre Herculano, em gabinete de leitura fluctuante.

No Urupá. Marques de Souza encontrou o Coronel Rondon. «Que dia alegre! Com que satisfação abracei o meu chefe!» exclama o Tenente no seu «Diario» e accrescenta—«converso com o Coronel até tarde da noite».

Dahi por diante a viagem proseguio, cada vez mais abrolhada de tropeços. As febres começavam a apparecer, tornando cadavericas as suas victimas. Já não havia ensejo para lêr Alexandre Herculano.

Busca-se Tabajara. Marques de Souza annota: «Chegaremos a Tabajara? Todos os doentes remam e eu grito, ameaço, fazendo a ultima tentativa afim de passarmos com dia a cachoeira de Croatá. E o sol vai baixando e o poveiro nos diz que é problematica a nossa chegada a Tabajara, porque elle não passa a cachoeira com o escuro. O Bernardo então tomou o remo de um dos doentes e eu enthusiasmo o pessoal já exhausto, e a iganté desce o Gy com rapidez.

Com o crespusculo desciamos no meio de uma infernal gritaria a cachoeira. No peior trecho molhamo-nos um pouco e a iganté fez um pouco de agua. Mas não acabou a difficuldade da travessia, pois tinhamos um trecho enorme de pedras esparsas. Por tres vezes fomos de encontro a pedras e encalhámos.

O pessoal cahia n'agua e com esforço conseguia safar a iganté. Finalmente ás 7 1/2 chegámos a Tabajara, com uma noite muito escura. Momentos depois desabou uma forte carga d'agua, da qual tambem fugimos aterrorizados. Que noite escura e lugubre!»

Marques de Souza ainda não se achava completamente restabelecido do impaludismo. De certo seria preferivel passear na Avenida ou nos «boulevards» parizienses.

Sahira do Rio de Janeiro a despeito dos rogos

da familia, da mãi, dos sete irmãos, dos quaes muitos menores, da viuva, e seguira Brasil acima, no cumprimento do dever.

Depois de mil difficuldades, o Tenente Marques de Souza poude respirar um pouco. Dos fundões fluviaes, a serviço, teve ordem de regressar a Manáos.

Consigna o facto no seu *Diario* com extraordinaria alegria e nelle registra o tempo feliz passado na capital amazonica.

Os bons dias são sempre breves. A felicidade raramente emprega doses grandes de prazer. Quando as emprega, são toxicas em alto gráo. Fulminam, por exemplo, o pobretão tornado millionario por um bilhete de sorte grande. Tem um segundo de ventura, vê-se rico, poderoso, adulado; põe as mãos sobre o coração e cai. A dose era demasiada.

A do Tenente Marques de Souza, ao despedir-se de Manáos, foi moderada. Consigna no *Diario*, 30 de Outubro de 1904 «Infelizmente parto . . . e deixo nestas duas palavras toda a saudade que de mim se apodera. Como parto triste . . »

E a 31 de Outubro escreve apenas, nota unica do dia: «Que saudades . . .»

O mez de Novembro escoou-se em trabalhos penosos, desses que não curtem só a pelle, mas tambem o animo. Dezembro passou-se a explorar e a ver partir companheiros, doentes, tão doentes. Ainda era consolo ficar, para ter certeza de estar resistindo ás lentas e invisiveis aggressões do clima assassino.

A 1.º de Janeiro de 1915, o Tenente Marques de Souza pergunta no *Diario*: «Novo anno. Que estará reservado para mim?» A resposta . . . Mas não antecipemos.

A 3 de Janeiro de 1915 inicia a viagem para a exploração do rio Anansa, recebendo a 6, no Paraná dos Cachorros, a nova da morte de um dos mais dedicados companheiros, o Tenente Carneiro, no Madeira, a bordo do *Rio Curuçá*, proximo de Manáos.

Apezarado, seguio. A viagem foi proseguindo,

minuciosamente registrada pelo Tenente Marques de Souza. A 31 de Janeiro de 1915, passou, com a expedição ás suas ordens, por uma cabeceira chamada Dr. Steaghmeyer, onde se acha sepultado o sabio naturalista, ahi fallecido em Fevereiro de 1913. «Era um velhinho que se assemelhava a D. Pedro II, muito bom. Vinha já ha algum tempo acompanhando a commissão á cata de borboletas e outros bichinhos»

Especie de Guilherme Tembel Meyer de *Innocencia*, um desses adoraveis e originalissimos typos de naturalistas bem conhecidos nos sertões, o Dr. Steaghmeyer andava á caça de insectos, criança grande, parecida com D. Pedro II, animada pela curiosidade da sciencia. Que as borboletas sejam leves sobre a sua cova.

A 3 de Fevereiro de 1915, o impaludismo se manifestou vehemente em Marques de Souza. Diz a nota do caderninho: «Passei o dia inteiro com febre e dizem que delirei, mas felizmente, agora, á noite, me acho melhor.»

Escreve a 12: «A's 5 e 10 sigo e acampo no corrego do Borá. Estou ancioso por chegar ao Ananaz. Já fiz um percurso de vinte e duas leguas.»

No dia seguinte o *Diario* recolhe a nota seguinte. «Hoje é sabbado e sabbado de Carnaval. Ah! quantas saudades sinto do Rio e especialmente dos meus! As meninas divertir-se-ão? Mettido no meu toldo, com feridas, quasi sem poder me sentar e ameaçado de um temporal grande, pois venta muito. Que tarde triste a de hoje! Sombria, nublada, triste . . . Após a chuva, o pessoal regressou do serviço e todo elle está silencioso.»

A 15 de Fevereiro, na margem esquerda do Ananaz, o Tenente Marques de Souza se encontra com o Coronel Rondon.

Visitaram ambos quatorze roças de indios, abandonadas. O coronel mostrou ao auxiliar arvores ainda derrubadas com machados de pedra. Ao chegar ao Campo dos Mangabas foram até o lugar onde existi-

ram as grandes malocas dos Nhambiquaras. Encontraram muitos ossos de antas, veados, etc. Quanto ás malocas, nenhum vestigio dellas havia, a não ser o local, muito limpo. Descobertos, os indios incendiaram as aldeias, destruiram as roças e mudaram-se para longe.

O Coronel Rondon e o Tenente Marques de Souza almoçaram lautamente: feijão, arroz, farinha, doce e chá.

«Conversámos muito á noite, diz o *Diario*, e eu guardo para sempre a lembrança desta visita, deste ultimo contacto com um civilizado.»

A 16 de Fevereiro, o Tenente Marques de Souza avistava, pela ultima vez, os civilizados. Dentro em breve menciona, no *Diario*, este doloroso estado d'alma: «Só concilio o somno ás 12 ou 1 hora e assim mesmo de vez em quando acordo. Fico em um estado de desespero horrivel. Ha momentos agradaveis nesta vida de sertão, mas em compensação nos momentos de amargura, de aborrecimento, soffre-se mais, muito mais do que em outro qualquer lugar. Um minuto de padecimento parece uma hora, talvez seja devido á falta de um consolo, talvez devido á ausencia de uma pessoa amiga.»

O sertanista militar experimentou as agruras dos rios troncados de arvores, atravessando-o de margem a margem, dos igarapés de voltas caprichosas, tornando difficeis as manobras dos ubás, as mordidelas das abelhas, dos mosquitos de má casta, das terriveis motucas, das teimosas birucinhas.

Adiante, adiante. Eis, porém, pela frente uma cachoeira difficilima de transpor. Os borrachudos, as carapanãs, as abelhas, as formigas atacam a expedição, confederadas para a mordedura e para o supplicio da pelle.

«O pessoal anda com os pés enrolados em trapos e com a cabeça coberta por um panno do qual só sahem os olhos.»

Numa certa cachoeira, a expedição Marques de

Souza perdeu as suas ubás, arrebatadas pela corrente, com grave risco da vida dos tripolantes.

Que luta para encontrar arvore de porte a ser com ella construida nova embarcação! Escasseiavam os generos e quasi as coragens.

A expedição mettia dó. Não havia caça. Tres caçadores conseguiram apenas abater um jacusinho e um urusinho. Comia-se farinha e bebia-se café.

Emfim se conseguio nova ubá, talhada num cajueiro de dezeseis e meio palmos de roda. Mas a luta proseguio. Não se andava mais de duas horas por dia. Ora saltos, ora corredeiras, a luta do palmo a palmo, do homem contra o obstaculo, o obstaculo da natureza bravia.

O Tenente Marques de Souza expandio-se no seu *Diario* em pagina intima, escripta em pleno deserto do Oeste brasileiro, num domingo.

Marques de Souza via a mãi e as irmãs se despindo para ir á rua, o que chamou pitorescamente «a luta do vestuario para a missa», os irmãos se dirigindo para o banho de mar O almoço, o jantar, a palestra domestica, tudo perpassou diante do explorador, perdido no matto, «como se estivesse em presença de uma fita cinematographica.»

Isto, porém, observa, «não denota fraqueza de animo». Apezar de doente, o mais doente dentre todos, «eu sou o mais alegre, que de vez em quando dirige phrases de enthusiasmo, de gracejo, sem ferir a disciplina, procurando sempre animar todos para a continuação da viagem».

Animar todos tarefa difficil, por exemplo, a 17 de Maio de 1915, quando a expedição só pôde viajar trinta minutos! Foi obrigada a parar acima de grande salto com mais de oito metros de altura. Fez-se a exploração por terra e vio-se a impossibilidade de varar as canôas. Afinal, depois de uma trabalheira insana para salvar as embarcações, para carregal-as, a expedição venceu, alimentada apenas á castanha e soffrendo as consequencias de tal alimentação.

De salto em salto lá ia o grupo sertanista, verdadeiros filhos de Eva, gemendo e chorando naquelle valle de horrores.

«Que cousa horrivel este rio, escreve o Tenente Marques de Souza. Não viajamos (a 26 de Maio de 1915) mais de dez minutos!! Assim, quando chegaremos ao Madeira?!»

No dia 27 assignalava no «Diario»: «43.º acampamento. Estamos acampados abaixo do ultimo salto. O do centro tem dous metros de altura e os outros regulam ter metro e meio cada um. A passagem dos dous ultimos é muito perigosa, mas tenho fé em Deus que nada nos ha de acontecer. O lugar é como atrás; todo montanhoso, mas logo abaixo do nosso acampamento é plano, a meta melhora e não se vêem morros para a frente. Felizmente, hoje, almoçamos peixe e o pessoal jantou macaco. Eu só comi um pouquinho de arroz com castanha, pois, me sinto mal.»

A 28 de Maio, pela manhã, a expedição tentou passar as ubás. A grande, logo ao entrar num paraná do primeiro salto, tomou impulso, devido á corrente, largou-se o cabo, e a embarcação parou num remanso.

Arrebentara toda a prôa; o banco do centro abrio-se, assim como o fundo, fazendo um pouco d'agua.

A ubá pequena tambem soffreu avarias. Eram dez horas da manhã. A's duas da tarde já se derrubara um cajueiro para fazer outra ubá.

«Emfim, Deus é grande e não nos desamparará. São mais quatro dias perdidos!»

Eis as ultimas palavras do «Diario» do Tenente Marques de Souza.

De então por diante só se soube delle quando em Manáos surgiram homens da expedição, relatando ter Marques de Souza perecido a golpes de fle-

chas, desferidos por indios da tribu dos Araras, sel-vicolas muito hostilizados pelos seringueiros.

Marques de Souza, segundo narraram os informantes, dirigio-se aos selvagens com palavras amigas e de paz, recebendo a morte como resposta.

Tinha trinta e um annos. Era o enlevo, a esperança, o arrimo de numerosa familia; o idolo, a felicidade, o futuro de uma noiva.

A sua missa na igreja da Candelaria foi ceremonia inolvidavel.

No altar estava o irmão, D. Leandro Menescal Marques de Souza, monge benedictino, commovido, tristissimo.

Devia ser o celebrante proximo do casamento fraterno. Rezava-lhe por alma. Sentia-se-lhe a dôr sob o pesadume das vestes negras.

O Tenente Marques de Souza esperava os véos de sua noiva. Ella tinha véos, em lagrimas, nos olhos.

O monge levantou a hostia. Os dedos tremiam ao sustental-a. Quando findou o sacrificio, e litteralmente o era, encaminhou-se para a sacristia como quem não poderia, com os paramentos, despir uma grande dôr.

Ha, dizem-me, numa das casas do Congresso um projecto favorecendo um pouco os herdeiros do intrepido e mallogrado sertanista. Quem votar por elle, se erguerá do seu logar pelo Brasil reconhecido a quem tanto fez pelo Brasil desconhecido.

ESCRAGNOLLE DORIA.